

A batalha pelo nome: **a campanha das novas direitas contra *Marighella*, de Wagner Moura**



Seu Jorge, Wagner Moura, Bruno Gagliasso e Bella Camero no lançamento de *Marighella*, de Wagner Moura, Berlim/Alemanha, 2019, fotografia (detalhe).

Thiago Turibio

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de História do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. thiagoturibio@yahoo.com.br

A batalha pelo nome: a campanha das novas direitas contra *Marighella*, de Wagner Moura

The battle for the name: the campaign of the new rights against *Marighella*, by Wagner Moura

Thiago Turibio

RESUMO

O principal objetivo do artigo é analisar a campanha contra *Marighella* (Wagner Moura, 2019) com o fim de oferecer algumas razões sociais que explicam, ao menos em parte, a atual eficácia política das novas direitas. Nesse sentido, argumento que a retórica do ódio das novas direitas formula um discurso espectral, em que as mesmas narrativas e arquétipos são atualizados com o fim de manter seus interlocutores em permanente mobilização. No caso de *Marighella*, as novas direitas alegam que Wagner Moura estaria tomado pela “mentalidade revolucionária”, que o seu filme, além de ser uma peça racista, exaltaria um terrorista com recursos da lei Rouanet. Ao concluir, enfatizo que a eficácia política da retórica das novas direitas é melhor compreendida quando a pensamos no interior da totalidade social em que funciona, marcada por uma crescente espiral de instabilidade, típica do neoliberalismo. Para tanto, foram analisados por volta de 50 vídeos veiculados no YouTube, sobretudo em canais das novas direitas.

PALAVRAS-CHAVE: *Marighella*; Wagner Moura; novas direitas.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the campaign against *Marighella* (Wagner Moura, 2019) in order to offer some social reasons that explain, at least in part, the current political effectiveness of the new rights. In this sense, I argue that the rhetoric of hatred of the new rights formulates a spectral discourse, in which the same narratives and archetypes are updated in order to keep their interlocutors in permanent mobilization. In the case of *Marighella*, the new rights alleges that Wagner Moura was taken by the “revolutionary mentality”, that his film, in addition to being a racist play, would exalt a terrorist with resources from the Rouanet Law. In conclusion, I emphasize that the political effectiveness of the rhetoric of the new rights is better understood when we insert it into the social totality in which it functions, marked by a growing spiral of instability, typical of neoliberalism. To this end, around 50 videos aired on YouTube were analyzed, especially on new rights channels.

KEYWORDS: *Marighella*; Wagner Moura; new rights.



Em 4 de novembro de 2021, depois de uma longa contenda com a burocracia da Agência Nacional do Cinema (Ancine), *Marighella* (Wagner Moura,

2019) pôde finalmente estrear no Brasil.¹ O filme já havia sido exibido desde 2019 em diversos festivais em cinco continentes, sendo o primeiro deles o de Berlim. Mesmo sem ter tido exibição no Brasil, *Marighella* já causava alvoroço, sobretudo entre as fileiras das novas direitas.² Sinal inequívoco foi a campanha que levou a uma enxurrada de avaliações negativas do filme no *site* Internet Movie Database (IMDb), uma das mais importantes bases de dados sobre cinema. A plataforma foi então instada a mudar o sistema de cálculo do filme que, até ali, recebia uma nota abaixo de 4, lastreada em 46 mil avaliações.

Fosse *Marighella* exibido em 2010, nada disso teria acontecido. Ao menos não na mesma escala. Afinal, naquele momento não havia uma direita radical com capacidade de mobilização de massas. No entanto, não é como se ela não existisse de todo. Ela ainda estava timidamente acomodada em fóruns e redes sociais, como o Orkut, e participava de espaços de formação como os cursos *on-line* ministrados por Olavo de Carvalho.³ Esse contrapúblico, como o nomeou Camila Rocha, era composto, sobretudo, por estudantes universitários adeptos de ideias neoliberais que se sentiam deslocados e, por que não, ressentidos, com o que consideravam uma indisputável hegemonia cultural de esquerda. Em todo caso, mesmo quando olhamos da perspectiva da longa

¹ O adiamento do lançamento de *Marighella*, programado para 20 de novembro de 2019, dia da consciência negra, se deu em agosto de 2019, após a Ancine negar dois requerimentos feitos pela O2, produtora do filme. Um dos pedidos era para que a agência ressarcisse, por meio do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) com que *Marighella* foi contemplado, o valor de 1 milhão já investido na fita. A Ancine negou o pedido sob a alegação de que recursos próprios depositados em conta corrente de movimentação deveriam ser considerados como parte do FSA. O outro era uma consulta sobre a possibilidade de adiantamento de financiamento de comercialização a que projetos contemplados pelo FSA poderiam pleitear, já que os trâmites burocráticos avançavam em um ritmo muito lento. A Ancine, no entanto, afirmou que a O2 deveria, antes, concluir o edital de produção para entrar com o pedido de recursos para a comercialização. A ata da decisão pode ser acessada neste link <file:///C:/Users/windows%2010%20Pro%202022/Downloads/ddcs-rd-735-27-08-2019.pdf>. Acesso em 29 maio 2022. Mais tarde, a revista *Veja* e o portal *Farofafá* noticiaram que a Ancine argumentava que o adiamento da estreia de *Marighella* seria devido à pendência da O2 com outro projeto, o documentário *O sentido da vida* (em produção), que deveria ter ficado pronto em julho de 2019. A produtora pediu prorrogação de prazo, que não chegou a ser avaliado a tempo. Com isso, apesar de pedidos de prorrogação serem comuns e quase sempre deferidos, a O2 se tornou inadimplente e a Ancine exigiu o retorno do valor investido até ali. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/marighella-segue-inedito-no-brasil-e-o-motivo-nao-e-censura/>, e <https://farofafa.com.br/2021/08/13/ancine-manda-arquivar-projeto-de-lancamento-de-marighella/>. Acesso em 29 maio 2022. De todo modo, a recusa dos recursos a *Marighella* aconteceu antes da produtora se tornar inadimplente. O imbróglio fez com que Wagner Moura acusasse a agência de censura. Até porque, nesse momento, Jair Bolsonaro falava em impor “filtro de conteúdo” para o financiamento do cinema brasileiro. Após a autorização da Ancine, em 2020, outro fator que contribuiu para o adiamento da estreia do filme foi o aumento de casos de transmissão e de mortes provocadas pela covid-19 no Brasil.

² Optei por usar o termo “novas direitas” para enfatizar o caráter plural que as constitui e manter uma abertura aos seus elementos eventualmente inovadores, o que definições estabelecidas inevitavelmente desestimulariam. Para Álvaro Bianchi, por exemplo, é possível identificar no Brasil atual ao menos três correntes emergentes: “o conservadorismo tradicionalista, os ultraliberais e os cristãos fundamentalistas”. BIANCHI, Alvaro *apud* ZAMBELLO, Aline Vanessa, SILVA, Ivan Henrique de Mattos e CARLO, Josnei Di. Olavo de Carvalho e a guerra cultural das novas direitas (entrevista). *Em Tese*, v. 18, n. 2, Santa Catarina, 2021, p. 71. De todo modo, apesar das diferenças, a afinidade eletiva que amalgamou essas correntes entre si e com outros grupos conservadores e neoliberais, como as *think tanks* estabelecidas, monarquistas e neointegralistas, repousa em um horizonte ideológico comum em que a recusa das políticas sociais ocupa lugar nada desprezível. Sobre o conceito de afinidade eletiva, ver LÖWY, Michael. *A jaula de aço*: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

³ Cf. ROCHA, Camila. “Imposto é roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 62, n. 3, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/001152582019189>. Acesso em 29 maio 2022, e ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio*: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

temporalidade, a tradição autoritária, um dos marcos das novas direitas, nunca desapareceu.⁴

O certo é que até então a direita não havia tido tanta capacidade de formar hegemonia quanto a que apresentou na última década. Isso se deve, com efeito, a um conjunto complexo de fatores como as massivas manifestações de 2013, a que nenhuma das forças do espectro partidário estabelecido soube responder; a crise econômica e política iniciada quase imediatamente após a reeleição de Dilma Rousseff; a criminalização da política e, sobretudo, das esquerdas, por meio da operação Lava Jato; o *impeachment* sem base jurídica contra a presidente democraticamente eleita e a prisão, mais tarde provada ilegal, do então maior adversário político da direita, Luiz Inácio Lula da Silva. A expansão do mercado de celulares e a generalização do uso de plataformas digitais, por certo, concorreram para adensar os efeitos desse processo.⁵ O novo bloco no poder, sob o governo de Michel Temer, levou em frente um amplo programa neoliberal, ao longo do qual instituições e direitos dos trabalhadores saíram profundamente fragilizados.⁶ Por fim, a radicalização à direita culminou na ascensão da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, vitoriosa em finais de 2018. O autoritarismo ultraliberal, assim, se consagrava eleitoralmente.⁷

Desde o mestrado, iniciado em 2012, me dedico a estudar a crítica de cinema, sobretudo entre os anos 1940 e 1970. A polêmica em torno de *Marighella*, bem como a atualidade urgente que nos impõe a compreensão da emergência da extrema-direita ao poder estatal, despertou meu interesse pela recepção crítica do filme. De início, pensei em analisar os textos da imprensa escrita, como tenho feito em meus estudos até aqui. Dessa forma, recolhi e analisei 31 críticas publicadas em jornais, portais de entretenimento, revistas de cultura e blogs pessoais. Nos textos, o tema central é o da representação – como Wagner Moura construiu Marighella, personagem histórico atravessado por uma ampla e intensa disputa ideológica? A maioria dos críticos concluiu que Marighella, sendo retratado como pai, homem generoso, musical e bem-humorado, além de guerrilheiro, esteve à altura da complexidade exigida. Outros, no entanto, denunciaram uma intenção hagiográfica no tom solene com que as personagens declamavam seu apego à democracia, quando, na verdade, lutavam então pelo comunismo. Sendo assim, restou a sensação de que o núcleo das polêmicas que envolveram a fita passava por outras paragens, ia longe da imprensa tradicional. Por isso, decidi analisar o que os canais das novas direitas no YouTube vinham falando de *Marighella* desde a sua fase de produção. Ali foi possível encontrar a fonte discursiva que alimentou a retórica do ódio⁸ que orbitou o filme e o seu diretor.

⁴ Cf. REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 1, Porto Alegre, 2020.

⁵ Cf. CESARINO, Letícia. As ideias voltaram ao lugar?: temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. *Caderno CRH*, v. 34, Salvador, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44377>> Acesso em 1 jun. 2022.

⁶ Cf. BOITO JR., Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. *Caderno CRH*, v. 34, Salvador, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.35578>>. Acesso em 29 maio 2022.

⁷ Apesar da formulação parecer contraditória, basta lembrarmos que eleição não é sinônimo de democracia para afastarmos a impressão. Ver LEVITSKY, ZIBLATT. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

⁸ Cf. ROCHA, João Cezar de Castro, *op. cit.*

Nesse momento, o problema enfrentado sofreu um deslocamento que moldou a forma definitiva deste artigo. Já não se tratava de analisar a recepção crítica, mas sim a campanha política sistemática que as novas direitas fizeram contra o filme. Afinal, não cabe falar em recepção crítica quando o discurso prescinde do contato produtivo com a obra em sua materialidade concreta. Os *youtubers*, em sua grande maioria, não viram *Marighella*. Desse modo, o principal objetivo deste texto se tornou analisar como as novas direitas construíram o filme enquanto objeto de discurso político. Acredito ser esta uma via produtiva para apreender ao menos parte das razões da sua atual eficácia. Para tanto, foram analisados cerca de 50 vídeos veiculados no YouTube, sobretudo em canais das novas direitas, dentre os quais destaco Jovem Pan, Mamãe Falei, Movimento Brasil Livre (MBL), Nando Moura e Bernardo P. Küster. Todos abordaram várias vezes o filme em uma espiral de repetição das mesmas alegações, o que nos permitiu investigar a sua estrutura básica.⁹

Mesmo antes do contato com os vídeos sobre *Marighella* partia da hipótese de que seriam menos um meio de argumentação, como ainda creem os que consideram as plataformas digitais um êmulo da esfera pública tradicional, do que um ritual em que o corpo político se compõe e recompõe. Os vídeos das novas direitas organizariam, assim, uma forma intrinsecamente agonística, cuja exterioridade constitutiva seria o significante vazio da “esquerda”. Após a análise, a hipótese se confirmou. Nesse quadro, a esquerda aparece tanto como o que as novas direitas não são quanto como a sua permanente e pervasiva ameaça de aniquilamento. Antes que instrumentos de diálogo livre e racional, os vídeos são uma máquina de afecção e, enquanto tal, redundantes. Afinal, sua principal finalidade é manter a audiência em permanente estado de ameaça. Lembrem assim o que Paulo Emilio Sales Gomes uma vez falou da propaganda nazista: não serve para inocular ideias novas. Seria, antes, um ritual cujo objetivo é manter integrada a comunidade de crentes.¹⁰

Em certa medida, as novas direitas performam um discurso espectral, em que o objeto comparece apenas para ser imediatamente metabolizado pela narrativa arquetípica. Dessa maneira, *Marighella*, o guerrilheiro e o filme, são significantes ao mesmo tempo necessários e supérfluos no processo de reprodução do corpo político. Daí porque se torna indiferente que se tenha ou não assistido à fita, que se tenha ou não lido a biografia.¹¹ Mais real que o “terrorista *Marighella*” é a “mentalidade revolucionária”, mais importante do que o processo de captação de recursos do filme é o “artista mamateiro usurpador da lei Rouanet”. A guerra cultural é redundante, labora sobre os mesmos arquétipos.

9 Em artigo sobre comentários de usuários da plataforma Filmow acerca de *Marighella*, Guilherme de Moura Cunha chegou a alguns tópicos recorrentes. As críticas dos usuários contrários ao filme abarcaram o financiamento público da fita, o caráter “terrorista” de *Marighella* e, em menor medida, a escolha do ator, vez que *Marighella* seria branco e foi representado no cinema por um ator negro. Também abordarei esses tópicos. Parece razoável supor que os usuários da plataforma, muitas vezes, emularam aquilo que os *youtubers* das novas direitas difundiram em seus canais. Ver CUNHA, Guilherme de Moura. Revelando o Brasil em *Marighella*: entre a recepção cinematográfica e a perspectiva bakhtiniana. *Entre Palavras*, v. 11, n. 1, Ceará, 2021. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-12041>>. Acesso em 29 maio 2022.

¹⁰ Ver GOMES, Paulo Emilio Sales. O poder do cinema: um mito? In: *Crítica de cinema no suplemento literário*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, v. 1, p. 392.

¹¹ Ver MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



Como diz João Cezar de Castro Rocha, está aí sua força e também sua terrível fraqueza.¹²

De qualquer modo, sabemos que todo discurso político é um instrumento de abstração e redução da complexidade.¹³ As novas direitas, assim, não se deixam apanhar apenas pela forma. É preciso considerar, igualmente, a maneira como a forma constitui certo conteúdo. Não enquanto particularidade concreta que, como vimos, é sempre plástica e, em certa medida, substituível, mas sim como o circuito de afetos dominantes em sua economia interna. Afinal, como afirma Safatle, “política é, em sua determinação essencial, um modo de produção de circuito de afetos”.¹⁴ Não por acaso, aliás, dentre as plataformas, o YouTube é a mais recorrente na difusão desse tipo de discurso. O poder associativo da montagem, a corporeidade e o tom, decisivos para o processo de identificação, não aparecem com a mesma intensidade na linguagem escrita.

Nessa maneira de compreender a política está implícita uma crítica do individualismo metodológico subjacente ao liberalismo. Na perspectiva liberal, as democracias modernas conformariam um espaço horizontal onde sujeitos livres e racionais argumentariam em busca do consenso. As paixões seriam apenas restos arcaicos que emergiriam em momentos de deriva autoritária. Acontece, no entanto, que elas não são.¹⁵ As paixões, pelo contrário, conformam parte daquilo que Chantal Mouffe chama o político: dimensão constitutiva das sociedades humanas, em que o antagonismo e os afetos estão inelutavelmente implicados. Ou seja, para a autora, a sociedade seria ontologicamente “um espaço de poder, de conflito e de antagonismo”.¹⁶ Buscando evitar a reificação, não considero a dimensão conflitiva ontológica, mas sim social: enquanto houver classes a perspectiva conflitiva permanecerá insuperável e a visão “pós-política” não deixará de ser ideológica, no sentido em que a tradição marxista empregou o termo. Sob o capitalismo, os sujeitos políticos vão permanecer dramatizando seus conflitos por meio da divisão entre nós e eles, bem como participando de processos mais ou menos inconscientes, porque afetivos, de identificação. O que se deve apreender, portanto, é o sentido social da disputa.

Por que Marighella?

Apenas o anúncio de que Wagner Moura estava rodando um filme sobre Carlos Marighella deixou as novas direitas em posição de combate. Dada a notícia, todo o ecossistema de mídias bolsonarista e neoliberal iniciou uma incansável campanha de difamação. Situação que nos sugere a pergunta: por que, afinal, *Marighella* despertou tanto interesse?

¹² Ver ROCHA, João Cezar de Castro, *op. cit.*

¹³ Nesse sentido, para a compreensão das estratégias de uma nova crítica à esquerda, fortalecida pela emergência de novos movimentos sociais, ver ALTMANN, Eliska e CARVALHO, Bruno Sciberras de. Identidades e novas direções da crítica brasileira: o caso da recepção de Vazante. *Sociologias*, v. 20, n. 49, Porto Alegre, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/15174522-02004913>>. Acesso em 4 jun. 2022.

¹⁴ SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 38 e 39.

¹⁵ Cf. SAFATLE, Vladimir, *op. cit.*, e ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 288.

¹⁶ MOUFFE, Chantal. *Sobre o político*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

Antes de tudo, o pressentimento do perigo. *Marighella* é um filme dirigido por Wagner Moura, ator com um amplo prestígio acumulado no Brasil e internacionalmente. Por sua participação em novelas da Globo, ele ainda dispõe de indiscutível reconhecimento entre as massas televisivas. Além disso, apesar das resistências, *Marighella* aos poucos recrutou aliados de peso, com destaque para a produtora Globo Filmes, que abriu as portas da sua plataforma de *streaming* e da TV Globo para a fita.

Assim, no Quarentena Cult, programa do jornal conservador *Gazeta do Povo*, os comentaristas despendem um bom tempo conjecturando sobre as chances de o filme romper a bolha da esquerda militante.¹⁷ Para Paulo Polzonoff Jr., *Marighella* falaria apenas a convertidos. Jones Rossi, ao contrário, pensa que a fita conseguiria abrir diálogo com os jovens, suscetíveis, pela ignorância do contexto histórico, a aderir à imagem falsa de Marighella como um lutador pela democracia. Já Arthur do Val, do canal Mamãe Falei, em vídeo intitulado *Qual é o perigo?*,¹⁸ compara o filme de Wagner Moura com a série televisiva *Anos rebeldes* (1992).¹⁹ Ambos, afirma ele, romantizam a luta contra a ditadura, capturando simpatias entre uma audiência desprevenida. Afinal, “as pessoas quando apresentadas a uma narrativa romântica de alguma coisa, ainda que essa coisa seja ruim, elas caem nessa narrativa”. Tanto por isso, o *youtuber* termina o vídeo conclamando a audiência a difundir a narrativa contrária: “é obrigação sua, é missão sua, que você passe as informações da narrativa contrária porque enquanto você não estiver fazendo isso vai ter atorzinho da Globo, vai ter artistinha influente, vai ter dinheiro de impostos fazendo uma narrativa contrária ao que você acredita”.²⁰ Sob alegação semelhante, o então deputado federal Jair Bolsonaro grava um “breve filmete”, como ele diz, para que fosse mostrado “praquele seu amigo que enaltece Fidel Castro, Che Guevara e o socialismo”. No vídeo, ele compara *Marighella* ao filme em que Benicio del Toro representa *Che* (Steven Soderbergh, 2008). Como Arthur do Val, Bolsonaro salienta que ambos os filmes enaltecem terroristas, assassinos.²¹

Outro membro do MBL, Renan Santos, coloca em termos teóricos as razões para se reagir a *Marighella*.²² Como argumenta, o combate ao filme se faz urgente pela centralidade dos mitos na formação do imaginário político das comunidades nacionais. Citando Eric Voegelin, lembra que as grandes narrativas moldam a percepção comum e, por conseguinte, a forma como as pessoas agem politicamente. E Wagner Moura, assegura o *youtuber*, não queria nada mais do

¹⁷ Participam do programa os jornalistas Ricardo Sabbag, Jones Rossi, Paulo Polzonoff Jr. e Ewandro Schenkel. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cOr_Pc0NwB8>. Acesso em 13 abr. 2022. Diferentemente da maioria das intervenções das novas direitas, os jornalistas em questão viram o filme.

¹⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uE0us0dfVFQ>>. Acesso em 13 abr. 2022.

¹⁹ À época destacado membro do MBL, *youtuber* com ampla audiência, Arthur do Val foi eleito deputado estadual para a câmara de São Paulo em 2018 com 478.280 votos. Em meio à guerra da Ucrânia, Arthur do Val e Renan Santos, coordenador do MBL, viajaram com a justificativa de fazer uma doação à resistência ucraniana de 180 mil reais arrecadados no Brasil. Enquanto ainda estavam na Europa, foram vazados áudios em que Arthur do Val, entre outras falas sexistas, afirmava que as ucranianas eram fáceis porque eram pobres. No dia 17 de maio de 2022, a Câmara dos Deputados cassou por unanimidade seu mandato. Após as repercussões do caso, o ex-deputado decidiu se afastar do MBL.

²⁰ DO VAL, Arthur. <<https://www.youtube.com/watch?v=uE0us0dfVFQ>>. Acesso em 1 maio 2022.

²¹ Ver BOLSONARO, Jair. <<https://www.youtube.com/watch?v=7cOx48DfL4w>>. Acesso em 20 abr. 2022.

²² Nesse vídeo, Renan Santos comenta a recepção da imprensa alemã, destacando as críticas feitas aos compromissos políticos do filme com o presente brasileiro. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-2lu4c1WpA8>>. Acesso em 13 abr. 2022.

que reforçar a mitologia Marighella; a grande narrativa fundadora da esquerda, a da luta contra a ditadura militar. É esse igualmente o entendimento de outro *youtuber* de direita: Bernardo Küster. Ele sugere à audiência que não vá ao cinema. Até porque, afirma, o objetivo do filme não seria lucrar (a lei Rouanet já o teria amortizado). Seu propósito seria outro: unificar a esquerda em torno do mito fundador da luta contra a ditadura militar e talvez criar caminhos para uma nova linha narrativa, mais trabalhista.²³ As novas direitas, portanto, buscam se antecipar a uma virtual influência política de *Marighella*.

Para as novas direitas, o Brasil é “gramscista”.²⁴ Aliás, segundo Flávio Morgenstern, discípulo de Olavo de Carvalho, o Brasil seria o país mais gramscista do mundo, batendo França e Itália.²⁵ Além dos textos e vídeos de Olavo de Carvalho e de artigos e conferências de setores das Forças Armadas²⁶, um dos principais difusores recentes da tese foi o filme da produtora Brasil Paralelo sobre a ditadura militar, *1964: o Brasil entre armas e livros* (Lucas Ferrugem, 2019). Em certo momento, o narrador explica que ao longo dos anos 1960 o fracasso da revolução proletária obrigou a intelectualidade comunista a uma reorientação. Georg Lukács, por exemplo, teria concluído “que o movimento revolucionário não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim das bases da civilização ocidental: filosofia grega, o direito romano e a religião judaico-cristã”. E só então Gramsci, apesar de morto desde 1937, “começa a escrever os *Cadernos do cárcere*, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família”.²⁷ Por aqui a política teria seguido o roteiro. Os militares venceram o golpe de força contra a “ameaça vermelha”, mas logo então, como meio de manter a estabilidade interna, entregaram as instituições aos comunistas, dentre as quais a universidade. Ou seja, os militares teriam vencido a batalha das armas, mas perderam a dos livros.

No discurso das novas direitas, a “esquerda”, os “petistas”, os “comunistas” estão sempre à espreita. Operam à sombra, controlam governos, a imprensa, um vasto domínio de instituições. O que, como indica Felipe Catalani, justifica obscuras associações como a citada no plano de governo do então candidato Jair Bolsonaro: “Mais de UM MILHÃO de brasileiros foram assassinados desde a 1ª reunião do Foro de São Paulo”.²⁸

Como vemos, o discurso das novas direitas corre desimpedido. Não se constrange diante de fatos básicos. Elas inventaram um Gramsci e se tornaram em seus próprios termos gramscistas.²⁹ Afinal, se a nova estratégia comunista

²³ Ver KÜSTER, Bernardo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=v8iH676nibo&t=1110s>>. Acesso em 13 maio 2022.

²⁴ Ver ROCHA, João Cezar de Castro, *op. cit.*

²⁵ Ver MORGENSTERN, Flávio. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6524s>>. Acesso em 13 maio 2022.

²⁶ Ver BIANCHI, Alvaro e MUSSI, Daniela. Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 37, Brasília, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2022.37.247343>>. Acesso em 29 maio 2022.

²⁷ FERRUGEM, Lucas. *1964: o Brasil entre armas e livros*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6524s>>. Acesso em 20 maio 2022.

²⁸ *Apud* CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Blog da Boitempo*, 2018. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/>>. Acesso em 29 maio 2022.

²⁹ Nesse sentido, há uma fala significativa de Allan dos Santos em palestra sobre “a guerra cultural”: “sabe quando o pessoal fala assim: ‘ah, a gente tem que usar Gramsci ao contrário?’ Já ouviram essa expressão? Já

visa destruir a cultura ocidental, cabe a elas defendê-la. E se o meio da esquerda tradicionalmente foi a ocupação das instituições, agora lhes cabe retomá-las. Daí a centralidade obsessiva que o termo “narrativa” ocupa em sua arquitetura e a sua permanente disposição para as chamadas guerras culturais. Nessas condições, *Marighella* jamais poderia ser ignorado.

“Estado de culpa permanente”

Apesar de reconhecer o acerto político de Wagner Moura ao criar uma mitologia simples para um povo tido como carente de mitos, histórias e heróis, Renan Santos prevê que a intenção acabaria frustrada. Afinal, o Brasil teria cansado do mito do bom malandro que vai destruir a ordem (como Macunaíma e Lula!), difundido por aqui ao menos desde 1922.³⁰ O brasileiro, agora, estaria desesperado pela ordem, cuja prova seria a sua nova devoção a um novo mito: capitão Nascimento.

Chegamos, pois, a um cruzamento: Wagner Moura, o antagonista, é também capitão Nascimento, aquele que, nas palavras de Caio Coppolla, preparou “terreno para outro capitão”.³¹ Que o diretor de *Marighella* seja também capitão Nascimento é motivo para certa decepção. As novas direitas o admiram, de fato. Não se discute, Wagner Moura é um grande ator. A coincidência, aliás, dá azo ao exercício de uma psicanálise de fãncaria que vale o comentário.

Ao que consta, o primeiro a realizar o exercício foi exatamente Caio Coppolla. Wagner Moura teria feito *Marighella* por viver em “estado de culpa permanente”. Ele não suportaria a ideia de ter dado vida a capitão Nascimento, personagem responsável por um feito inédito: destruir o mito do “bandido como vítima social”. Além de ter humanizado a figura do policial, continua Caio Coppolla, *Tropa de elite* (José Padilha, 2007) teria ainda heroificado o combate ao crime. Diferente, por exemplo, de *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002), que usaria “a biografia dos bandidos como atenuante para a falta de caráter deles”.³² Logo depois foi a vez de Renan Santos. Segundo o *youtuber*, Wagner Moura viveria um drama interno. Sendo um “cara do Leblon”, da “esquerda pseudo-intelectualizada”, ele ficou condoído por ter criado “um herói que defendia a ordem”, dava “tapa na cara de playboy e dizia as verdades que os playboys deveriam ouvir”. Dessa forma, “a criança brasileira, acostumada a não ter herói, passou a ter herói”.³³ Isso teria ocorrido à revelia das intenções do diretor, José Padilha, e do próprio Wagner Moura. Diante da criação, ambos teriam ficado em choque. Restava então destruir aquele símbolo de ordem. *Tropa de elite 2* (José Padilha, 2010), ao dar protagonismo ao deputado de esquerda Fraga, que, inclusive, teria castrado capitão Nascimento quando se relaciona com a sua ex-esposa, teria sido um esforço nesse sentido. *Marighella*, o herói revolucionário, seria outra tentativa de acertar contas com o passado.

ouviram ou não? Peeêê (imita som de sinal). Errado! Gramsci é que faz o que a Igreja faz ao contrário. A gente só tem que fazer o que a Igreja sempre fez!”. SANTOS, Allan dos. <https://www.youtube.com/watch?v=XIKXO5qG_XU>. A fala começa em 30:57. Acesso em 29 maio 2022.

³⁰ Ver SANTOS, Renan. <<https://www.youtube.com/watch?v=9s5vqVj0k7g>>. Acesso em 13 abr. 2022.

³¹ COPPOLLA, Caio. <<https://www.youtube.com/watch?v=VwHPZE9H55I>>. Acesso em 20 abr. 2022.

³² *Idem*. <<https://www.youtube.com/watch?v=VwHPZE9H55I>>. Acesso em 20 abr. 2022.

³³ SANTOS, Renan. <<https://www.youtube.com/watch?v=9s5vqVj0k7g>>. Acesso em 1 maio 2021.

A psicanálise apressada não é apenas anedótica. Revela uma dimensão central do discurso das novas direitas: o individualismo metodológico que desagua sempre em seu corolário lógico, a moralização da política.³⁴ Wagner Moura teria feito *Marighella* para resolver uma culpa pessoal. Ainda havia mais. Além do estado de culpa permanente, ele também padeceria do que Renan Santos chama de “mentalidade revolucionária”. Um tipo de patologia psíquica que acometeria todo comunista convicto, cujo ímpeto, segundo velho mote conservador³⁵, seria adequar o mundo tal qual é ao desejo de poder de sua personalidade totalitária. O conceito foi formulado inicialmente por Olavo de Carvalho, para quem a mentalidade revolucionária “não é um fenômeno essencialmente político, mas espiritual e psicológico, se bem que seu campo de expressão mais visível e seu instrumento fundamental seja a ação política”.³⁶ Aqueles acometidos por essa “doença da alma”³⁷ se acreditariam portadores de um mandato da história e, portanto, do futuro, que os autorizariam reformar a humanidade inteira. Possuídos por essa crença, os revolucionários admitiriam qualquer meio. Afinal, eles só prestariam contas ao “tribunal da história”. Por isso, “o movimento revolucionário é o flagelo maior que já se abateu sobre a espécie humana desde o seu advento sobre a terra”.³⁸

Ao invocar a sempiterna ameaça totalitária, as novas direitas pretendem excitar afetos de medo e de autoconservação que estão na raiz de diversas palavras de ordem frequentemente entoadas: “o Brasil não vai virar uma Cuba”, “a nossa bandeira jamais será vermelha”. Nessa linha, Renan Santos faz vídeo em que compara Trotsky a Marighella. Ambos seriam psicopatas e vítimas da mentalidade revolucionária. Sorte, diz ele, que a ditadura no Brasil foi muito eficiente em eliminar esse tipo de grupo. Wagner Moura, por sua vez, teria se tornado “psolista maluco”, condição que seria perceptível pelo “olho de psicopata”, um “olho de revolucionário”, com que ele apareceria nas entrevistas recentes, como a que concedeu a Pedro Bial: “Wagner Moura está, vamos dizer, contaminado por essa doença”.³⁹ Ou, como diria Adrilles Jorge⁴⁰, Wagner Moura “está cego por sua sociopatia”.⁴¹ E por isso, continua Renan, ele mente e não mediria esforços para realizar suas ambições políticas, como o fez Trotsky



³⁴ Cf. CHALOUB, Jorge e PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. *Anais do 39º Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu, 2015, CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, São Paulo, 2019, e MESSEMBERG, Débora A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, Brasília, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>>. Acesso em 29 maio 2022.

³⁵ Sobre os argumentos conservadores utilizados pelas novas direitas, ver CEPÊDA, Vera Alves. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*. v. 23, n. 2, Fortaleza, 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n2p40>>. Acesso em 29 maio 2022.

³⁶ CARVALHO, Olavo. A mentalidade revolucionária. Sapiientiam Autem non Vincit Malitia, 2007. Disponível em <<https://olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/>>. Acesso em 29 maio 2022.

³⁷ *Idem*. <<https://www.youtube.com/watch?v=lcfuqrVcRmI>>. Acesso em 27 abr. 2022.

³⁸ *Idem*. A mentalidade revolucionária, *op. cit.*

³⁹ SANTOS, Renan. <<https://www.youtube.com/watch?v=Orp7EeIRJJU>>. Acesso em 17 abr. 2022.

⁴⁰ Ex-big brother e comentarista da Jovem Pan, Adrilles Jorge foi demitido da rádio em 9 de fevereiro de 2022 após fazer a saudação nazista *Sieg Heil* no mesmo momento em que outro *youtuber*, Monark, defendeu a existência de um partido nazista no Brasil. Ambos alegam falar em nome da liberdade de expressão. Como já aconteceu em outro caso semelhante, o comentarista foi readmitido pela emissora.

⁴¹ JORGE, Adrilles. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=H0fNFgnLfNI>>. Acesso em 20 abr. 2022.

e como tentou em vão Marighella.⁴² A estratégia de patologizar adversários políticos, reais ou imaginários, tem um longo passado, sendo a “degenerescência do bolchevismo cultural” vista pelos nazistas na arte de vanguarda o exemplo mais conhecido.⁴³ Patologizar o adversário permite aniquilá-lo simbolicamente e abre caminho, inclusive, para aniquilação física em tempos de deriva autoritária.⁴⁴

Nessa chave, outra forma habitual de desqualificação do diretor foi a insinuação de que ele seria viciado em cocaína. Bernardo Küster, por exemplo, monta vídeo ao longo do qual distribui cortes de cena em que Wagner Moura aparece coçando o nariz. Noutra parte, garante que o realizador de *Marighella* concedeu entrevista acometido pela “gripe Maradona”.⁴⁵ Já Arthur do Val, sobre a mesma entrevista, diz que Wagner Moura estava acometido pela “rinite da Colômbia”, enquanto coça o nariz e simula organizar fileira com as mãos. A estratégia prossegue, portanto. Além de problemas mentais, Wagner Moura seria “cheirador”.

Segundo a ontologia subjacente ao discurso das novas direitas, o conflito entre esquerda e direita não inflete as contradições de uma sociedade cindida em classes ou grupos sociais objetivamente posicionados, como tradicionalmente argumentou a esquerda. Mesmo porque, como já ressaltara Margaret Thatcher, “não existe essa coisa de sociedade”, apenas indivíduos e suas famílias. Uma vez desapossados dos condicionamentos históricos e sociais, indivíduos figuram como puro espectro, diferenciam-se apenas por sua “essência”.⁴⁶ Por essa razão, o discurso das novas direitas é fundamentalmente essencialista e, enquanto tal, não concebe os conflitos senão pela divisão imediata e simplificadora da luta entre o bem e o mal.⁴⁷ Nessa perspectiva, tratar Wagner Moura como louco revolucionário e cocainômano é colocá-lo como um abscesso imoral. Uma vez ali, ele encarna o mal. E contra o mal, vale tudo.

Terrorista

A principal alegação das novas direitas contra o filme foi a de que ele exaltaria um terrorista ou, como frequentemente esbravejou Adrilles Jorge, um monstro. Marighella, afinal, seria como Goebbels, Hitler, Mao: todos são assassinos. Alguns seriam genocidas, outros homicidas. Poderia aqui citar outros tantos excertos de diversos *youtubers* que giram em torno do mesmo argumento: a esquerda apresenta Marighella – e, por extensão, os guerrilheiros que enfrentaram a ditadura militar – como um lutador pela democracia, mas, na verdade, trata-se de um monstro moral cujo único objetivo seria implementar no Brasil uma ditadura comunista muito pior que a militar. Nessa ocasião,

⁴² Ver SANTOS, Renan. <<https://www.youtube.com/watch?v=Orp7EeIRJUU>>. Acesso em 20 abr. 2022.

⁴³ Uma ótima entrada para conhecer a estratégia nazista é o filme *Arquitetura da destruição* (Peter Cohen, 1989), que analisa o modo como a extrema-direita alemã mobilizou a arte com o fim de reduzir seus inimigos a condições subumanas.

⁴⁴ Cf. ROCHA, João Cezar de Castro, *op. cit.*, p. 168 e 169.

⁴⁵ KÜSTER, Bernardo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=v8iH676nib0>>. Acesso em 20 abr. 2022.

⁴⁶ *Apud* FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Anatomia Literária, 2020, p. 128 e 129.

⁴⁷ Cf. CHALLOUB, Jorge e PERLATO, *op. cit.*, p. 17.

frequentemente os *youtubers* citam testemunhos de Fernando Gabeira e Eduardo Jorge como provas definitivas de que a luta armada se deu em nome da “ditadura do proletariado” e, por consequência, de valores antidemocráticos.

Como dito, no subterrâneo da ameaça terrorista totalitária está a pretensão de instalar o medo. Aliás, o predomínio de afetos negativos se faz lógico nesta quadra da história em que a direita adotou amplamente o que Safatle, via Sloterdijk, nomeou razão cínica.⁴⁸ Como argumenta o autor, a crítica da ideologia sempre operou denunciando o diapasão existente entre a norma reivindicada e a sua negação objetiva. É nesse sentido que o marxismo, por exemplo, pôde figurar como parte e superação do iluminismo.⁴⁹ A razão cínica, no entanto, já não promete nada. A razão cínica ou, em outra leitura, o realismo capitalista⁵⁰, se contenta em afirmar que não há alternativa e que qualquer tentativa de transformação precipitaria a sociedade no abismo totalitário. Nesse contexto, a crítica, ao menos em seus termos tradicionais, torna-se obsoleta.⁵¹

De todo modo, Safatle afirma também que não existe poder que sobreviva apenas de afetos negativos, como o medo. Sempre há alguma forma de esperança articulada ao poder: “nada nem ninguém consegue impor seu domínio sem entreabrir as portas para alguma forma de êxtase e gozo”.⁵² O bolsonarismo é isso. Ao mesmo tempo em que diz que o país é ingovernável⁵³ e apresenta cruamente a alternativa entre direitos e emprego⁵⁴, promete a redenção em algum momento do futuro breve. Afinal, as massas em febre gritando “eu autorizo” não deixam de compartilhar um obscuro sentimento de esperança, mesmo que regressivo.

Segundo Letícia Cesarino, no realismo capitalista há uma passagem da economia industrial pautada em compromissos comuns mínimos para uma economia especulativa e imaterial, marcada pelo amplo predomínio da financeirização. Daí que a temporalidade, antes progressiva-linear, dá lugar a uma experiência messiânica-especulativa, ampliando o apelo de teorias da conspiração e tornando a redenção messiânica um enquadre narrativo não apenas convincente, como também sedutor.⁵⁵ Razão cínica e esperança messiânica, portanto, não são excludentes. Pelo contrário, são partes constitutivas de uma mesma experiência social flexível e incerta, típica do neoliberalismo⁵⁶, que a economia de atenção algorítmica das plataformas digitais veio reforçar.⁵⁷

⁴⁸ Ver SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 13.

⁴⁹ Cf. HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵⁰ Cf. FISHER, Mark, *op. cit.*

⁵¹ Cf. SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica, op. cit.*, p. 25 e 26.

⁵² SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos, op. cit.*, p. 20.

⁵³ Cf. <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/bolsonaro-distribui-texto-que-fala-em-brasil-ingovernavel-fora-de-conchavos.shtml>>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁵⁴ Cf. <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/12/04/bolsonaro-trabalhador-tera-de-escolher-entre-mais-direitos-ou-emprego.ghtml>>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁵⁵ Ver CESARINO, Letícia. O fetichismo do QAnon. *Jacobin Brasil*, 2020. Disponível em <<https://jacobin.com.br/2020/11/o-fetichismo-do-qanon/>>. Acesso em 17 abr. 2022.

⁵⁶ Cf. DARDOT, Pierre e LAVAL, Cristian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016, e SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos, op. cit.*

⁵⁷ O modelo de negócios de empresas como Google, YouTube e Facebook é amplamente baseado em propaganda. As Big Techs, classificando o comportamento dos usuários, cria perfis e os negocia com empresas. Nesse ambiente, tem valor tudo aquilo que contribui para captar atenção e estimular o engajamento, mantendo a máquina algorítmica de classificação atualizada. Assim, “deixa de ser relevante se

De qualquer maneira, a acusação de terrorismo não é novidade. Foi uma das principais estratégias utilizadas contra Marighella e a guerrilha em geral desde a ditadura militar. Por sua vez, em seu *Minimanual do guerrilheiro urbano*, tantas vezes citado pelas novas direitas como exemplo de perversidade patológica, Marighella de fato reivindicou o “terrorismo revolucionário”, cujos alvos seriam “o governo, os grandes capitalistas, os imperialistas norte-americanos”.⁵⁸ Ao acusar Marighella de terrorismo, as novas direitas retomam, pois, o nome como uma cicatriz do tempo, um estigma que pretende sustar a história.

Segundo Judith Butler, o poder, por vezes, assume a figura do nome.⁵⁹ Apesar de emergir do movimento e, portanto, sempre ser portador da historicidade que o forjou, o poder do nome funciona pela dissimulação da história, cujo fim é imobilizar o próprio movimento. Ou seja, um nome injurioso, como “terrorista”, atualizando o trauma da história, pretende encerrar a questão, mostrá-la como simples evidência indisputável. O nome, nesse caso, é o sempre já-aí da linguagem que se nega enquanto história.⁶⁰ Sendo assim, “o nome carrega consigo o movimento de uma história que ele mesmo interrompe”.⁶¹

O filme, nesse sentido, se insere em uma batalha pelo nome que se desenrola há mais de 50 anos. Em *Marighella*, Wagner Moura faz as personagens enunciarem a cada ação de guerrilha que não são bandidos ou marginais, mas sim “revolucionários que lutam pela liberdade do povo que foi roubada pelo golpe militar”. Noutra cena, logo após a queda de um aparelho em que um militante se suicida sob a violência da tortura física e psicológica, Marighella, ferido no braço, indica ao grupo que eles irão revidar cada golpe e que dali em diante só poderia prometer “tortura e morte”. Se alguém quisesse desistir, seria a hora. De pé entre o semicírculo composto pelos guerrilheiros que agora o escutam abatidos e emocionados, Marighella afirma que os militares precisam saber que a ALN não vai parar: “é terror, é terror sim. É terrorismo sim”. Marighella então quebra a quarta parede. Olha diretamente para a câmera e se aproxima, compondo um *close-up* bastante fechado, em que aparece apenas o núcleo do rosto de Seu Jorge, seus olhos vermelhos: “é terrorismo mesmo”.

Ao suspender a ilusão ficcional, *Marighella* se dirige diretamente ao espectador. Ao presente, portanto. A intenção, inscrita na forma, é requalificar o nome, recuperar o movimento que o forjou. Wagner Moura, evidentemente, não quer reafirmar o caráter “terrorista” da ação de Marighella, mas mostrar que “terrorismo”, naquele contexto, era um nome em disputa que comportava a luta de guerrilha contra um governo autoritário. O que nos faz lembrar das palavras de Jorge Amado quando do enterro dos restos mortais de Marighella em Salvador após dez anos de aviltamento de seu nome pelo Estado brasileiro: “estás em tua casa, Carlos; tua memória restaurada, límpida e pura, feita de verdade e amor. Aqui chegaste pela mão do povo. Mais vivo que nunca,

as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo o que importa é se elas viralizam”. MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018, p. 11.

⁵⁸ MARIGHELLA, Carlos. <<https://www.marxists.org/portugues/marighella/1969/manual/cap01.htm#1>>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁵⁹ Ver BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

⁶⁰ Cf. PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 151.

⁶¹ BUTLER, Judith, *op. cit.*, p. 67.

Carlos”.⁶² Wagner Moura, inclusive, em suas entrevistas frequentemente afirma que o filme é parte do esforço de restauração de memória já inscrito num poema de Jorge Amado em homenagem ao amigo: “Retiro da maldição e do silêncio e aqui inscrevo seu nome de baiano: Carlos Marighella”.⁶³

Branco

Marighella era branco, basta ver a sua foto, afirma Adrilles Jorge.⁶⁴ Outros foram menos peremptórios: Marighella seria pardo claro ou senão mulato. Para todos, uma certeza: Marighella não era negro. Nesse caso, Wagner Moura ter convidado Seu Jorge, um ator negro, para representar o protagonista de seu filme revelaria um único propósito: falsificar a história em nome de ideais políticos patológicos. Para Adrilles Jorge, trata-se de importação do racismo norte-americano.⁶⁵ Moura, dessa maneira, pretenderia acenar aos movimentos negros com o único objetivo de radicalizar a divisão estranha ao país entre pretos e brancos. Afinal, o Brasil não seria racista.⁶⁶ Para prová-lo, Bernardo Küster recuperou alegação frequentemente invocada pelo próprio presidente: o seu sogro [de Bolsonaro] é o Paulo Negão, e seu amigo, o Hélio Negão: “como pode o Estado ser racista?”.⁶⁷

Denunciar a “falsificação histórica” que o filme promoveria serve a dois propósitos fundamentais: mostrar mais uma vez que a esquerda não teria escrúpulos em sua luta pelo poder e reafirmar o mito da democracia racial há tempos decalcado no imaginário brasileiro. Assim, para as novas direitas, racista seria o filme e, conseqüentemente, seu diretor. Como acusa Arthur do Val, é Wagner Moura quem toma a cor como critério objetivo para as suas escolhas.⁶⁸ Nesse caso, no entanto, a alegação aparece mais explicitamente na imprensa escrita. De acordo com Bruna Frascolla, colunista da *Gazeta do Povo*, Marighella “é uma peça de propaganda racista sobreposta à já tradicional propaganda da Comissão da Verdade”.⁶⁹ Em seu texto, Frascolla cita uma crítica publicada no Facebook pelo pesquisador João Carlos Rodrigues, que ela classifica como

⁶² Tanto o poema quanto a homenagem fúnebre podem ser lidos neste link <<https://propalando.blog.br/2012/02/reconhecimento-de-jorge-amado-a-carlos-marighella/>>. Acesso em 20 maio 2022.

⁶³ Citando de memória, Wagner Moura por vezes comete uma confusão. Esta frase não está na carta da homenagem fúnebre lida quando do enterro dos restos mortais de Marighella. Ela se encontra num poema publicado no livro *Bahia de todos os santos*, em que Jorge Amado narra e homenageia as coisas e personalidades de seu Estado. Ver AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 200.

⁶⁴ JORGE, Adrilles. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JucDfMjy0Sw>>. Acesso em 22 abr. 2022.

⁶⁵ Ver *idem*.

⁶⁶ Como indica Letícia Cesarino, “na memética de inversão de acusações, as políticas de identidade – na figura do “vitimismo” do movimento negro, feminista e LGBT, ou do “privilegio” da política de cotas – é que apareciam como dividindo a sociedade brasileira e propagando discursos de ódio”. CESARINO, Letícia. *Identidade e representação no bolsonarismo*, *op. cit.*, p. 543.

⁶⁷ KÜSTER, Bernardo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=v8iH676nibo>>. Acesso em 22 abr. 2022.

⁶⁸ Ver DO VAL, Arthur. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uQ-wsea09XI>>. Acesso em 22 abr. 2022.

⁶⁹ FRASCOLLA, Bruna. “Marighella” é peça de propaganda racista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2021. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/bruna-frascolla/marighella-e-peca-de-propaganda-racista/>>. Acesso em 29 maio 2022.

autorizado por ser “filho de comunista das antigas”. Após frisar que Marighella era “mulato mais pro claro”, o crítico diz que no filme

*há nas entrelinhas incentivos a uma insurreição negra nos dias atuais. Nada mais irresponsável e fora da realidade. Marighella, um marxista-leninista que achava como Marx a religião o ópio do povo, beijar guia de Oxóssi é um pouco demais. Também o papo furado que Jesus era negro quando era um judeu palestino. Os partidos comunistas do mundo inteiro sempre recusaram aceitar a luta racial como legítima, achavam um desvio da verdadeira luta, a luta de classes. Esses três escorregões quase põem tudo a perder.*⁷⁰

Disso a colunista conclui que o filme seria “supremacista negro”. Teria faltado apenas “aparecer a teoria da melanina do Dr. Jeffries para explicar a superioridade de Marighella por meio de sua melanina, turbinada por Seu Jorge”.⁷¹ Wagner Moura, segundo Frascolla, ainda estaria instrumentalizando a religião das pessoas. Assim, teria ficado difícil entender a sua “cosmovisão”: “Jesus era um negão revolucionário? Oxóssi tem poder? Marighella deriva seu caráter revolucionário da cor de sua pele? A Revolução é uma experiência mítica religiosa intrinsecamente atrelada à negritude? Que visão de mundo é essa que concilia os poderes da guia de Oxóssi e a fé num Cristo negro racializado? Wagner Moura é ateu ou acredita numa religião da Raça?”⁷²

O filme oferece ocasião para que a jornalista performe o que Letícia Cesarino chama “espelho invertido”.⁷³ Ou seja, Frascolla toma palavras de ordem e argumentos tradicionalmente utilizados pela esquerda e voltam contra ela. Estratégia que colabora para a banalização das suas teses e para turvar o campo de debate.

Como falamos acima, acusar *Marighella* de ser peça racista é uma forma de descredibilizar a discussão racial. De acordo com Silvio Almeida, o racismo funciona em três dimensões dialéticas: a individual, a institucional e a estrutural. Os que se limitam à primeira, como as novas direitas o fazem, entendem o racismo como uma patologia ou anormalidade: “sob este ângulo, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo”.⁷⁴ Já a concepção institucional enfatiza que o racismo é um sistema de dominação imposto por meio da normalização reiterada no interior de práticas institucionais por um grupo racial hegemônico sobre outros.⁷⁵ A perspectiva estrutural, por sua vez, evidencia que o racismo é, sobretudo, parte das relações sociais rotineiras e, nesse sentido, transcende até mesmo as instituições particulares que o reproduzem: “dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista”.⁷⁶

Sendo um processo estrutural, “o racismo é também um processo histórico”.⁷⁷ Como argumenta Achille Mbembe, a raça é uma ficção útil que emergiu no momento em que a Europa passou de província acanhada à vanguarda de um processo de mundialização cujo ímpeto fundamental foi a expansão da

⁷⁰ *Apud idem.*

⁷¹ FRASCOLLA, Bruna, *op. cit.*

⁷² *Idem.*

⁷³ CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo, *op. cit.*, p. 542.

⁷⁴ ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2020, p. 36.

⁷⁵ *Idem.*

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 47.

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 55.



forma mercadoria. A ficção da raça, assim, serviu fundamentalmente para despossar nativos de suas terras e trabalhadores escravizados de sua humanidade. Para tanto, foi necessário um longo trabalho de negação: deu-se início a uma inacabável mascarada, em que o interesse pelo concreto se retraiu em favor de um discurso que girava em falso e pôde ser eficaz porque sempre esteve a serviço da dominação bruta: “nesse contexto, a razão negra designa um conjunto tanto de discursos como de práticas – um trabalho cotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e promover a variação de fórmulas, textos e rituais com o intuito de fazer surgir o negro enquanto sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e instrumentalização prática”.⁷⁸

Desse modo, o racismo atual na sociedade brasileira é impensável sem a relação histórica inextrincável entre *plantation*, desapropriação e escravização – ou seja, sem o projeto colonial, complexo enraizado “num cálculo geral sustentado pela relação de troca assentada na propriedade e no lucro”.⁷⁹ É pela história que se esquece enquanto tal que o racismo pretende se perpetuar no presente. Em um contexto em que os movimentos negros se organizam para conjurar o demônio do racismo a partir da reescrita da razão negra⁸⁰, torna-se estratégico negar a sua existência ou imputá-lo ao outro historicamente racializado. Afinal, por ser estrutural, muitas vezes o racismo funciona com mais eficácia quanto menos se fala abertamente em seu nome.

Mamata

Outra acusação frequente foi a de que, por meio da lei Rouanet, Wagner Moura teria usurpado 10 milhões de reais do erário brasileiro. Para compreendermos a estratégia é preciso deixar claro desde já que se trata de uma informação distorcida. O filme, de fato, foi autorizado a captar R\$ 10.131.083, 43, tendo utilizado efetivamente R\$ 3. 550, 000. 00. No entanto, a lei Rouanet não foi em qualquer tempo acionada. A maior parte dos recursos públicos empregados na produção de *Marighella* derivou do Fundo Setorial do Audiovisual.

Os dados sobre o financiamento de *Marighella* estão à disposição dos interessados.⁸¹ De qualquer forma, importa às novas direitas que a fita tenha sido financiada pela lei Rouanet, como quase todos eles repetem. Mesmo antes da ascensão meteórica da campanha de Bolsonaro, ela já era mobilizada como signo maior de um Estado apropriado por uma elite cultural parasitária. O desinteresse em investigar o processo de captação de *Marighella* revela o *modus operandi* das novas direitas: o particular não tem autonomia em seu discurso. A narrativa arquetípica é que deve ser sistematicamente atualizada, mantendo uma imagem do mundo sem arestas em que as forças do bem e do mal ocupam as mesmas posições ao limite do tédio.

É verdade que a redução da complexidade, logo, a repetição e o esquema são partes do político, no sentido em que Chantal Mouffe emprega o

⁷⁸ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1, 2018, p. 61.

⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 146.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 65.

⁸¹ Disponível em <<https://sad.ancine.gov.br/projetosaudiovisuais/ConsultaProjetosAudiovisuais.do%3Bjsessionid=39E6BA49B5AB7DDE2710B8F806C4B7C7?method=detalharProjeto&numSalic=130537>>. Acesso em 27 abr. 2022

coneito.⁸² A diferença é o lugar central que a estratégia ocupa no conjunto das práticas das novas direitas. Como afirma Letícia Cesarino, o bolsonarismo, entendido como populismo digital de direita, é *antiestablishment* “e alega vir de fora do sistema político vigente”.⁸³ O líder populista pretende encarnar a figura do povo contra uma elite encastelada e corrupta. A eficácia desse discurso depende, portanto, da mobilização de parte da sociedade sob o signo do verdadeiro povo. Afinal, em sua ilusão de totalidade, o povo é sempre parte politicamente constituída em torno de um significante vazio capaz de articular demandas insatisfeitas e heterogêneas contra uma forma de poder considerada hegemônica.⁸⁴ A unidade do povo, desse modo, é construída em relação antagônica com o outro que, no caso das novas direitas, aparece sempre como ameaça. Mesmo porque não há identidade que não integre a diferença como momento necessário ou, como diria Chantal Mouffe, que não compreenda o outro como “exterioridade constitutiva”.⁸⁵ Por isso, a sobrevida dos populismos de direita, bem como do fascismo, depende da mobilização permanente. Adorno pensa em mecanismo semelhante ao sustentar que o fascismo não tem uma teoria, é pura propaganda.⁸⁶ Atualmente, a infraestrutura digital, impulsionada por sua orientação algorítmica de mercado, emprestou ao processo de construção do corpo líder-povo uma capacidade de reprodução multitudinária cotidiana sistemática a custos comparativamente muito baixos. Nesse contexto, a chamada guerra cultural ganha enorme autonomia. Assim, ao alimentar uma e outra vez os mesmos arquétipos e narrativas, as novas direitas reproduzem o quadro de oposições do qual depende a sua eficácia e sobrevivência.

Dessa forma, as novas direitas não são simplesmente contrárias à existência da lei Rouanet. Elas argumentam, antes, que seus recursos não deveriam ser utilizados por artistas consagrados, mas sim por iniciantes ou, como frequentemente diz, pelos “pequenos”. Toda disputa em torno da lei Rouanet permite dramatizar o eixo central do discurso populista, a oposição entre elite, de um lado, e povo, de outro. Em torno desse eixo gravita uma série de argumentos. No caso de *Marighella*, evidentemente, a direita questiona a relevância do projeto. O Estado brasileiro estaria financiando um filme comprometido com o elogio do terrorismo, sabotando, assim, seus alicerces constitucionais, ao invés de investir em serviços públicos que beneficiassem os pagadores de impostos. Nessa linha, o *youtuber* Nando Moura argumenta que, enquanto o governo investe 10 milhões em *Marighella*, um ótimo hospital com capacidade de atendimento de 30 mil pessoas custaria 14 milhões.⁸⁷

Nas sociedades capitalistas, a cultura sempre foi um campo privilegiado para a mobilização de afetos de ressentimento das classes populares contra os setores dominantes. Afinal, a crítica contém o seu momento de verdade: a

⁸² Ver MOUFFE, Chantal, *op. cit.*

⁸³ CESARINO, Letícia. Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018 (manuscrito). Disponível em CESARINO, Letícia. <https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018_manuscrito>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁸⁴ Cf. SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos, op. cit.*, p. 82 e 83.

⁸⁵ MOUFFE, Chantal, *op. cit.*, p. 14.

⁸⁶ Ver ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 54 e 55.

⁸⁷ Ver MOURA, Nando. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aJs1mqQaniE>>. Acesso em 27 abr. 2022.

divisão do trabalho. Para Adorno, a liberdade prometida pela autonomia do espírito “permanecerá uma promessa ambígua da cultura enquanto a sua existência depender de uma realidade mistificada, ou seja, em última instância, do poder de disposição sobre o trabalho de outros”.⁸⁸ Walter Benjamin não fala outra coisa quando observa que a tradição cultural não se deve apenas aos grandes gênios que a criaram, “mas também à escravidão anônima dos seus contemporâneos. Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie”.⁸⁹ Em sociedades em que predomina uma bruta exploração, tanto maior na periferia do sistema⁹⁰, o trabalho intelectual é sentido pelas maiorias como um privilégio dos que não precisam sujar as mãos. Na década de 1950, por exemplo, sob o signo da “arte pela arte”, o Partido Comunista acusava os “artistas burgueses” de produzirem obras indiferentes aos autênticos valores e interesses do povo. Os comunistas, dessa maneira, exploravam a divisão entre uma arte supérflua, afetada, e outra útil, necessária, mobilizando a distinção analisada por Bourdieu⁹¹ entre estética burguesa, em que a forma ganha autonomia, e a popular, em que a utilidade se sobrepõe.⁹²

No atual discurso das novas direitas, a dicotomia entre o útil e o supérfluo, que é um outro esquema para a divisão entre povo e elite, absorve a burguesia no espectro popular como aquele setor social que acorda cedo, trabalha, paga impostos e não recebe nada do Estado. Nesse enquadramento, trabalhadores e burgueses, desde que não dependessem do Estado, ocupariam o mesmo campo, sendo reunidos, doutro lado, políticos, funcionários públicos, a militância de esquerda, artistas, intelectuais, beneficiários de programas sociais, bandidos, dependentes químicos, enfim, os “parasitas”.⁹³ Assim, “as tensões do campo econômico são apagadas, afinal o trabalhador não se opõe ao empresário, mas ao vagabundo. Falar nelas é coisa de ‘comunista’ que quer ‘dividir o povo’ e ‘trabalhar contra o Brasil’”.⁹⁴

Considerando tal dicotomia, é possível entender outra abordagem da lei Rouanet, a que poderíamos chamar neoliberal. Caio Coppolla elogia a lei em um ponto ao menos: ela corta a mediação entre o Estado e o financiamento efetivo dos projetos. Como se sabe, a lei Rouanet autoriza a captação, mas são empresários e pessoas privadas que decidem, em última instância, quais projetos serão financiados por meio da isenção de impostos. Caio Coppolla então argumenta que a segurança e a educação, áreas sensíveis, de interesse de todos, seriam passíveis de regulação por semelhante mecanismo: os empresários, dessa forma, conceberiam e financiariam diretamente a ossatura básica da

⁸⁸ ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 82.

⁸⁹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 13.

⁹⁰ Cf. FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

⁹¹ Ver BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo-Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2008.

⁹² Cf. TURIBIO, Thiago. Paulo Emilio Sales Gomes entre seus contemporâneos (1954-1960). *Revista Famecos*, v. 29, n. 1, Porto Alegre, 2022, p. 12 e 13. Disponível em <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41025>>.

⁹³ CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo, *op. cit.*, p. 544.

⁹⁴ MAITINO, Martin Egon. Populismo e bolsonarismo. *Cadernos Cemarx*, v. 13, Campinas, 2020. Disponível em <[10.20396/cemarx.v13i00.13167](https://doi.org/10.20396/cemarx.v13i00.13167)>. Acesso em 29 maio 2022.

administração pública.⁹⁵ Ou seja, em nome do povo, conclama-se a privatização do Estado.

Terminada a pesquisa, a sensação é a de que saímos dos vídeos com os mesmos estereótipos sobre a esquerda e os artistas a que já nos habituamos ao longo destes anos de hegemonia de direita: Wagner Moura seria um esquerdista usurpador da lei Rouanet afligido por doenças da alma, Marighella, um bárbaro terrorista e a fita, uma “peça de propaganda racista”. Trata-se mesmo de uma retórica do ódio, toda ela montada para afetar a audiência. E como toda retórica, sua eficácia não é meramente discursiva. Ela supõe, antes, as paixões e as fragilidades da plateia: um circuito de afetos.⁹⁶ Nesse sentido, a eficácia das novas direitas é melhor compreendida no interior da totalidade social em que funciona. O individualismo metodológico que explica Wagner Moura por suas culpas e loucuras vermelhas e a violência urbana pela falta de caráter dos bandidos é sintoma de uma totalidade social cada vez mais opaca. Com o neoliberalismo, afinal, a experiência rotineira do mundo social se torna aquilo que subjaz a sua ontologia: uma guerra de todos contra todos. Nessas condições, as políticas sociais aparecem como privilégios dos que deveriam descer à arena como todos os outros.

A bem da verdade, a sociedade brasileira sempre foi marcada pela brutalização das relações de trabalho, racismo e desigualdades profundas. Acontece que com o neoliberalismo essa dimensão da nossa sociabilidade é elevada pelas novas direitas à condição ontológica, compondo contraponto aos sucessivos projetos desenvolvimentistas, cuja promessa seria a criação de uma democracia salarial no Brasil. O projeto formativo, nos termos de Paulo Arantes⁹⁷, não foi apenas abandonado, foi escarneado. Segundo Letícia Cesarino, é como se as ideias voltassem ao lugar.⁹⁸ Como em outras partes do mundo, o futuro foi cancelado.

De todo modo, entre o desejo de ordem, expresso no elogio sádico à violência policial e nas ansiedades diante das virtuais mudanças que encarnam o signo vazio da “esquerda”, e a apologia da mercantilização do conjunto da vida, inclusive do Estado, vai uma contradição insuperável daqueles que pretendem esconjurar a instabilidade (material, existencial) com ainda mais neoliberalismo.

Artigo recebido em 11 de junho de 2022. Aprovado em 27 de agosto de 2022.

⁹⁵ Ver COPPOLLA, Caio. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U7JKYxR0PMQ>>. Acesso em 27 abr. 2022.

⁹⁶ Cf. SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*, op. cit.

⁹⁷ Ver ARANTES, Paulo Eduardo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

⁹⁸ Ver CESARINO, Letícia. *As ideias voltaram ao lugar?*, op. cit.